

# Sarney e o PMDB

## Tarcísio Holanda

O senador José Fogaça causou espanto quando declarou numa entrevista coletiva que o senador José Sarney, ainda que bem situado nas pesquisas, não deveria sair candidato a Presidente da República pelo PMDB, mesmo porque é uma figura supra-partidária, que não pode ser identificada como militante do partido. Um companheiro de seção gaúcha, ao ler suas declarações e posteriormente a nota oficial confirmadora, disse que, se Fogaça estivera "irrepreensível" na presidência do partido, até agora, com aquela manifestação perdera condições de ser o *tertius*.

Ainda que tenha alguma razão em sua análise franca das relações do ex-presidente com o partido, a condição de dirigente de um PMDB cercado de dificuldades recomendava prudência a Fogaça. Ele poderia ter dito simplesmente que a sucessão é um problema que ficará sob a responsabilidade do novo presidente a ser eleito na Convenção Nacional marcada para o dia 12 de setembro. Teria evitado muitos aborrecimentos com uma manifestação que reflete, em especial, uma posição da seção gaúcha do PMDB.

É irrecusável a existência de ressentimentos nas relações entre o PMDB e Sarney, que chegaram a ser perturbadoras no governo do político maranhense. O PMDB viu em Sarney um usurpador quando ele assumiu a Presidência da República, com o apoio do próprio Ulysses Guimarães, depois da inesperada doença e posteriormente da morte de Tancredo Neves, este, sim, um militante histórico do partido. O PMDB via Sarney como um quadro do PFL, que se filiou ao partido para fugir da chicana que o PDS ameaça armar.

Quando o PMDB elegeu 22 governadores, beneficiado pelo Plano Cruzado de Sarney, suas principais lideranças torceram para que o então presidente se filiasse ao partido. Acochado pela indiscutivelmente forte e ameaçadora presença de Ulysses, que se dava ao luxo de presidir reuniões ministeriais paralelas na residência oficial do presidente da Câmara, Sarney evitou habilmente uma definição, enquanto, na prática, fazia do PFL uma âncora com que se protegia da tutela dos seus inimigos então cordiais do PMDB.

Outro fato viria a toldar as relações de Sarney com o PMDB. Grande parte do partido, Ulysses à frente, queria reduzir o seu mandato para quatro anos. O PMDB estaria em condições de ganhar a disputa pela Presidência, se a eleição tivesse sido realizada em 1988, junto com o pleito municipal. Sarney preferiu lutar bravamente pelo mandato de cinco anos. O ex-presidente pode alegar que contribuiu diretamente para que o PMDB elegesse 22 governadores e a maioria absoluta do Congresso-Constituinte.

Hoje situado em posição privilegiada nas pesquisas, Sarney poderá vir a ser o candidato a Presidente da República do PMDB, mesmo porque o partido não está assim tão rico de bons nomes. Atualmente, como o reconhece o próprio Fogaça e a cúpula partidária, os nomes se reduzem ao governador Luiz Antônio Fleury Filho e ao ministro da Previdência, Antônio Britto, ainda sujeito aos solavancos que o sistema sob seu comando poderá sofrer. Como nos dizia um importante líder do partido, se Sarney alcançar os 25 por cento nas pesquisas de opinião, o PMDB poderá tomar a iniciativa de convidá-lo para ser o seu candidato, até porque não existe outra alternativa à mão.